

Os Planetas

**Coro e Orquestra
Gulbenkian
Robert Ziegler**



18 + 19 MAIO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Jubileu 75 anos de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Musicalização da Língua, Para Todos os Cantos.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Os Planetas

Uma Odisseia em HD

18 MAIO
SEXTA

21:00 — Grande Auditório

19 MAIO
SÁBADO

19:00 — Grande Auditório

Coro Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Robert Ziegler Maestro

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Filmes: *A Terra / Os Planetas – Uma Odisseia em HD*

Duncan Copp Produção

Beth Krynicki (Houston Symphony) Coordenação

John Adams

Short Ride in a Fast Machine

Richard Strauss

Assim falava Zaratustra, op. 30

INTERVALO

Gustav Holst

Os Planetas, op. 32

1. *Marte, o que traz a Guerra*
2. *Vénus, a que traz a Paz*
3. *Mercúrio, o Mensageiro alado*
4. *Júpiter, o que traz a Alegria*
5. *Saturno, o que traz a Velhice*
6. *Úrano, o Mágico*
7. *Neptuno, o Místico*

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.



STS07-32.1702 (22 JUNHO 1983) © NASA

Os Planetas — Uma Odisseia em HD

Com imagens da NASA / JPL

A Sinfónica de Houston, o Jet Propulsion Laboratory (JPL) da NASA e o produtor e realizador Duncan Copp colaboraram na criação de um filme com imagens planetárias em alta definição, destinado a acompanhar uma interpretação ao vivo da suite de Gustav Holst, *Os Planetas*. A estreia mundial de *The Planets – An HD Odyssey* teve lugar no Jones Hall, em Houston, a 21 de janeiro de 2010.

Este evento multimédia partiu de um programa orquestral clássico preexistente, ao qual foi associada uma surpreendente componente visual. Nesta combinação de música e ciência, o ritmo e a seleção das imagens são determinados pela música. Nas palavras de Duncan Copp: “A música foi a força motriz da produção”. Em simultâneo, esta junção de duas formas de arte tem também o objetivo de proporcionar ao público um melhor entendimento do universo.

A ideia de desenvolver este projeto único teve início em maio de 2006, quando a Sinfónica de Houston interpretou *Os Planetas* de Holst. Numa produção similar, a orquestra alugou um filme com imagens dos planetas para acompanhar a partitura e convidou astronautas da NASA para descrever as imagens antes de cada andamento da suite. Foi durante esse período que os astronautas referiram que a NASA,

através do JPL, tinha entretanto recebido novas e mais dramáticas imagens dos planetas. Esta informação levou a Sinfónica de Houston a contactar Duncan Copp e a encomendar-lhe um filme que exibisse as novas imagens num novo concerto.

Realizador do premiado documentário *In the Shadow of the Moon*, Duncan Copp é doutorado em Astronomia e membro da equipa da NASA responsável pela criação dos primeiros mapas geológicos detalhados de Vénus. Copp e a sua equipa trabalharam com imagens enviadas pelas mais recentes missões na superfície de Marte, bem como pelas sondas Cassini-Huygens, Voyager 1 e 2, Mariner 10, Magalhães, Messenger e Galileu. A suite *Os Planetas*, de Holst, foi estreada antes da descoberta de Plutão e é constituída por sete andamentos – Marte, Vénus, Mercúrio, Júpiter, Saturno, Úrano e Neptuno – sem incluir a Terra.

A Terra é o tema de uma segunda produção de Copp realizada com imagens captadas pelas missões da NASA em órbita do planeta, sendo estas combinadas com a vertiginosa peça de John Adams *Short Ride in a Fast Machine* e pelo épico poema sinfónico de Richard Strauss *Assim falava Zarathustra*.

John Adams

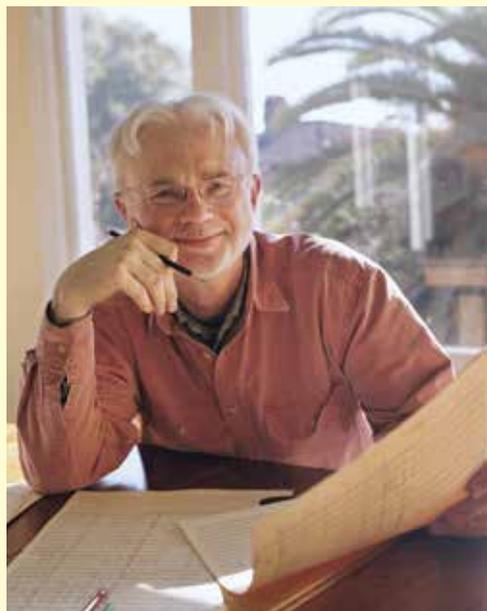
Worcester, Massachusetts, 15 de fevereiro de 1947

Short Ride in a Fast Machine

COMPOSIÇÃO: 1986

ESTREIA: Mansfield, Massachusetts, 13 de junho de 1986

DURAÇÃO: c. 5 min.



JOHN ADAMS © DR

John Adams é uma das vozes mais relevantes da música contemporânea americana, cuja obra mais notável se destaca pelo envolvimento com temas da atualidade política. A peça *Short Ride in a Fast Machine* foi composta em 1986, após uma encomenda da Orquestra Sinfónica de Pittsburgh, então dirigida por Michael Tilson Thomas, para o Festival de Great Woods. Este foi um dos primeiros grandes triunfos do compositor, sendo ainda hoje uma das suas obras mais frequentemente interpretadas a nível internacional. A encomenda do maestro solicitava algo próximo de uma fanfarra, uma vez que se destinava ao concerto de abertura do festival. Adams resolveu apresentar uma evocação da experiência excitante e arrepiante, vivenciada pelo próprio, de um passeio noturno a alta velocidade num carro desportivo. Com o intuito de captar e transmitir essa mistura de entusiasmo e terror despertada pela alta velocidade, o compositor criou uma música vertiginosa, de um movimento rápido e irreversível. A peça abre com os três padrões rítmicos enunciados em simultâneo pela percussão, madeiras e metais, numa conjugação

que contribui para gerar, logo à partida, essa atmosfera enérgica e excitante, que contagia o ouvinte. Nos quase cinco minutos seguintes, os motivos rítmicos e melódicos concisos e repetitivos, que gradualmente se vão transformando, entrelaçam-se implacavelmente numa textura bastante intrincada, a qual se torna cada vez mais densa com as sucessivas entradas de novos instrumentos. Trata-se de uma obra exuberante e de uma escrita brilhante para orquestra sinfónica, plena de sutilezas e complexidades apesar da sua conceção aparentemente simples, que contém várias marcas distintivas do minimalismo como sejam a repetição incessante de motivos rítmicos e melódicos, a marcação constante da pulsação e a linguagem harmónica que coloca a sua ênfase sobretudo na consonância. Mas apesar dessa proximidade com o estilo definido em música por Steve Reich, Terry Reiley e Philip Glass, alguns autores sugerem que, devido ao facto de em alguns aspetos tentar ir para além deles (por exemplo, ao nível da orquestra e da linguagem harmónica), esta obra tem antes afinidades com um estilo pós-minimalista.

Richard Strauss

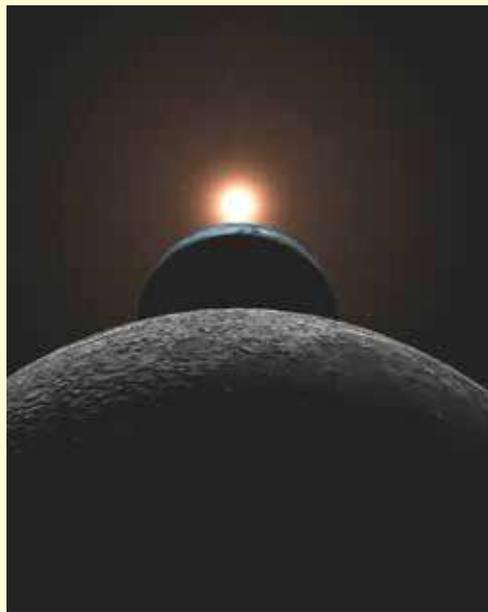
Munique, 11 de junho de 1864
Garmisch-Partenkirchen, 8 de setembro de 1949

Assim falava Zaratustra, op. 30

COMPOSIÇÃO: 1896

ESTREIA: Frankfurt, 27 de novembro de 1896

DURAÇÃO: c. 33 min.



2001 - A SPACE ODYSSEY, STANLEY KUBRICK, 1968 © WARNER BROS

Richard Strauss viveu uma longa e prolífica carreira, estabelecendo-se como o mais importante compositor alemão após a morte de Wagner e Brahms. Em 1885, Strauss encetou a composição de uma série de poemas sinfónicos bastante ambiciosos. De facto, a sua produção neste domínio eleva a invenção de Liszt ao seu ponto culminante, expandindo as potencialidades expressivas e descritivas da música programática e aliando-as a uma exploração virtuosística dos efeitos orquestrais que marca a orquestra sinfónica pós-wagneriana. É igualmente notável a sua capacidade de manipulação da forma e da transformação temática, bem como a complexidade harmónica, contrapontística e textural.

O poema sinfónico *Assim falava Zaratustra*, op. 30, foi composto em 1896 e estreado nesse ano em Frankfurt, sob a direção do autor. Trata-se de uma obra que decorre do interesse que o compositor então nutria pela obra de Nietzsche, inspirando-se no tratado deste filósofo com o mesmo título. A obra inicia-se com uma representação da alvorada, a que o profeta assiste no topo da montanha – tratava-se

também do despertar da consciência humana –, por meio de uma longa suspensão sobre um Dó grave, de onde emerge um motivo ascendente no trompete. Esse momento arrebatador logo dá lugar a uma representação do homem no seu estado primitivo, numa atmosfera tensa e escura (*Dos Antigos Homens*). As duas passagens seguintes (*Da Grande Saudade* e *Das Alegrias e Paixões*) são marcadas, respetivamente, por um lirismo intenso e por uma emotividade tempestuosa. Após um episódio pesaroso (*A Canção do Túmulos*) surge uma fuga baseada no tema de abertura (*Da Ciência*). Esse dispositivo constrói um grande ponto culminante, que logo dá lugar a um efémero *scherzo* (*O Convalescente*) e a uma valsa (*A Canção de Dança*), no momento em que o profeta discorre sobre a natureza caprichosa da vida. O toque dos sinos introduz a última secção (*O Sonâmbulo*), que se dirige pacificamente para um encerramento ambíguo, no qual, com a fricção entre o acorde de Si maior, proclamado pelos sopros no extremo agudo, e o Dó grave, enunciado em *pizzicato* pelas cordas, o Enigma do Mundo (a relação entre o Homem e a Natureza) permanece sem solução.

Gustav Holst

Cheltenham, 21 de setembro de 1874

Londres, 25 de maio de 1934

Os Planetas, op. 32

COMPOSIÇÃO: 1914-1916

ESTREIA (PÚBLICA): Londres, 15 de novembro de 1920

DURAÇÃO: c. 50 min.



GUSTAV HOLST © DK

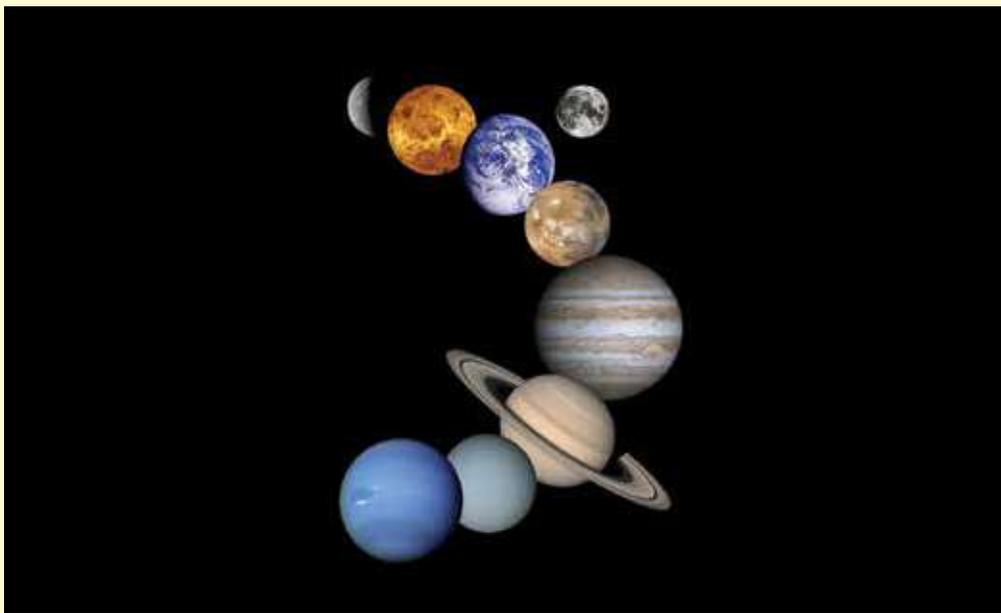
Gustav Holst conta-se entre os compositores britânicos que maior projeção internacional conseguiram alcançar. A sua personalidade inquiridora levou-o a encontrar estímulos criativos determinantes na nova música do seu tempo, tomando como referência em particular os estilos composicionais de Maurice Ravel e de Igor Stravinsky, mas também o romantismo de Edvard Grieg e de Richard Strauss, numa abordagem cosmopolita, incomum na música inglesa desse período, que o levaria a desenvolver um estilo bastante original e que, em vários aspetos, antecipava tendências que seriam protagonizadas por compositores britânicos posteriores.

A suite orquestral *The Planets*, op. 32, que certamente é uma das mais notáveis da história da música, foi composta entre 1914 e 1916, tendo a sua estreia pública integral ocorrido, após algumas execuções privadas ou parciais, a 15 de novembro de 1920, com a Orquestra Sinfónica de Londres, sob a direção de Albert Coates.

A sua receção foi positiva desde o início, obtendo rapidamente um nível de popularidade que nunca mais perderia. Trata-se de uma obra sofisticada, em que estão bem patententes

os modelos cosmopolitas absorvidos pelo compositor, sendo constituída por sete andamentos de uma extrema riqueza em termos melódicos, rítmicos e harmónicos. Ao nível da orquestração, os diferentes andamentos evocam, de modo intensamente colorido, as personalidades das divindades da mitologia clássica associadas a cada um dos planetas do Sistema Solar então conhecidos (excetuando a Terra).

A suite inicia-se com *Mars, The Bringer of War*, um andamento marcadamente viril e poderoso que, com as suas figuras rítmicas impetuosas e brutais, constitui uma marcha inexorável e ameaçadora, sugestiva das implicações mais devastadoras da guerra. Produzindo um contraste acentuado, surge *Venus, The Bringer of Peace*, introduzido por um motivo ascendente na trompa que anuncia os serenos acordes das madeiras. Aqui, a atmosfera de paz é produzida por uma instrumentação diferente, que privilegia as sonoridades celestiais e cintilantes de harpa, madeiras, violino e violoncelo solo, para além da própria celesta. Segue-se *Mercury, The Winged Messenger*, cuja ligeireza é sugerida desde logo pelas rápidas escalas construídas em dois ritmos diferentes sobre duas tonalidades



paralelas, que passam rápidas e elusivas por vários instrumentos da orquestra. Mais uma vez, há lugar a um contraste acentuado, desta feita com o surgimento de *Jupiter, The Bringer of Jollity*, um momento pleno de bom humor, pretendendo evocar a conotação dessa divindade com a benevolência e a generosidade. Este é, sem dúvida, o andamento que maior popularidade alcançou, talvez pelo facto de, na sua secção intermédia, citar uma cativante melodia tradicional inglesa em estilo de *carol*, uma passagem que posteriormente seria adaptada em múltiplos contextos. Em *Saturn, The Bringer of Old Age* – aparentemente o favorito do compositor – é retratado o estado de sabedoria e harmonia, mas também de certeza na própria finitude, característico da etapa final da jornada da vida, numa atmosfera sombria gerada sobretudo por uma ideia rítmica omnipresente evocativa do toque de um sino, a qual após atingir um ponto culminante terrífico encerra com placitude. Por sua vez, *Uranus, The Magician*, introduz uma nota um pouco mais humorística, atribuindo a esta divindade um carácter insolente e imprevisível através da evocação

das partidas que engendra e da satisfação com a sua habilidade. A personalidade de Úrano é caracterizada pelas intervenções irrequietas do fagote em *staccato*, que fazem recordar *L'Apprenti sorcier*, de Paul Dukas (embora aparentemente Holst nunca tenha tido acesso a essa partitura antes da composição da sua obra), isto para além de um motivo de quatro notas, representando o gesto do feitiço, que surge em diversas permutações. Após uma secção central mais lúgubre, o andamento encerra recuperando a atmosfera inicial. Por fim, em *Neptune, The Mystic*, para transmitir o carácter místico que associa a essa divindade, o compositor recorre, com todos os instrumentos em *pianissimo*, a um conjunto de figuras enigmáticas que se sucedem, como se da intersecção de raios luminosos de tratasse, bem como a uma sucessão de acordes misteriosos que evocam a ideia de intemporalidade e de infinidade do espaço. Nesse sentido, contribui particularmente a suave entrada de um coro feminino, que se mantém quase imperceptível até se desvanecer em dois acordes pairantes que fazem com que a música se dissipe serenamente no silêncio.

Robert Ziegler

Maestro



ROBERT ZIEGLER © DR

Maestro versátil e inovador, Robert Ziegler dirige o repertório orquestral do séc. XVIII até à atualidade, bem como música para cinema e televisão, colaborando também com artistas das áreas do jazz e da música pop. Em 2015-16 estreou-se à frente da Orquestra Gulbenkian, da Filarmónica de Londres, da Filarmónica do Japão e da Sinfónica de Xangai. No âmbito da relação muito próxima que mantém com a Royal Philharmonic Orchestra, em 2016 liderou uma digressão no Reino Unido dedicada à suite *Os Planetas*, de G. Holst. Como maestro convidado, dirigiu muitas das principais orquestras do Reino Unido, incluindo a Sinfónica de Londres, a BBC Concert Orchestra, a Orquestra de Câmara Escocesa, a Manchester Camerata, a City of Birmingham Symphony, a Orquestra da BBC do País de Gales e a Orquestra da Royal Opera House. A nível internacional, dirigiu a Sinfónica de São Francisco, a Sinfónica da Nova Zelândia e a Sinfónica de Adelaide, entre muitas outras. Robert Ziegler realizou várias gravações marcantes, começando pelo álbum *From the Salon of the Princesse de Polignac* (ASV) dedicado a obras de Falla, Stravinsky e Milhaud. Do seu interesse pela música da República de Weimar resultaram duas empolgantes gravações

com Ute Lemper: *Berlin Cabaret Songs* e *But One Day* (Decca/Universal). Em 2015 dirigiu a gravação de *Classic Quadrophenia*, de Pete Townshend (DG). Gravou também o bailado *Wolf Works*, de Max Richter (DG), com a Babelsberg Film Orchestra, e liderou a Orchestre Nationale d'Ile de France numa gravação ao vivo de *memoryhouse*, também de Richter, na Philharmonie de Paris. Dirigiu a Royal Liverpool Philharmonic nas gravações (CD e DVD) de *Divenire* "Live in London", de Ludovico Einaudi, com Randy Newman. Robert Ziegler estreou obras de Jonathan Lloyd, Joby Talbot, Mark Turnage e Mike Westbrook, entre outros. Dirige regularmente a música de Xenakis, Knussen, Lieberson, Dallapiccola e Schönberg. Realizou e dirigiu arranjos orquestrais para Deborah Harry, Stewart Copeland (Police), k. d. lang, Radiohead, David Gilmour (Pink Floyd), Donny Osmond, Richard Ashcroft (The Verve), Bem Folds e Wayne Shorter. Gravou bandas sonoras originais de Jonny Greenwood (*There Will Be Blood* e *Inherent Vice*), Howard Shore (*Lord of the Rings* e *The Hobbit*), Albert Iglesias, Max Richter, Shigeru Umebayashi, Lorne Balfe, Michael Giacchino, Mark Isham e Alf Clausen (*The Simpsons*).

Coro Gulbenkian



CORO GULBENKIAN © PEDRO FERREIRA

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo *a cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel, Jonathan

Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros.

O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu.

A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

Coro Gulbenkian

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Caramelo
Ana Raquel Sousa
Ariana Russo
Beatriz Nunes *
Beatriz Ventura
Carla Frias
Catarina Reis *
Cecília Rodrigues
Claire Santos
Clara Coelho
Cristina Ferreira
Filomena Oliveira
Inês Lopes
Joana Siqueira
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mariana Moldão
Mariana Rodrigues
Marisa Figueira
Mónica Antunes
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Fátima Nunes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Esteves
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Manon Marques
Maria Serra
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Raquel Rodrigues
Rita Tavares
Tânia Valente

*Coralistas convidadas

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Joaquina Santos
Fábio Cachão

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÀRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian

realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir da temporada 2018-2019, o maestro Lorenzo Viotti assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian e o maestro Giancarlo Guerrero as funções de Maestro Convidado Principal.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Heide *Concertino Principal* *
Francisco Lima Santos
1.º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Rui Cristão *
João Castro *
Tomás Costa *
Manuel Abecassis *
Ana Sousa *
Lysa Valman *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Stephanie Abson
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Sara Llano *
Félix Duarte *
Miguel Simões *
Mafalda Vilan Pires *
Ana Sibila *
Mafalda Rodrigues *
Nelson Nogueira *
Rui Fernandes *
Flávia Marques *
Ricardo Vieira *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming *
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Isabel Garcia *
Paul Tulloch *
Teresa Fleming *
Mickaela Miranda *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
João Valpaços *
Ana Carolina Ferreira *
Lara Ariznabarreta *
Aida Zupancic *
Gonçalo Lelis *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *
Vanessa Lima *
José Trigo *

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *2º Solista*
Ana Costa *2º Solista* *
Ana Filipa Lima *2º Solista* *

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês
Leandro Alves *2º Solista* *

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo
Luís Palomares *2º Solista* *
Rui Martins *2º Solista* *

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*
Lurdes Carneiro *2º Solista* *
Joana Maia *2º Solista* *

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista
Pedro Fernandes *2º Solista* *
Luís Duarte *2º Solista* *
Alexandre Pereira *2º Solista* *
André Gomes *2º Solista* *

Telma Gomes *2º Solista* *

TROMPETES

Adrian Martinez *1º Solista*
Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar* *
David Burt *2º Solista*
Carolina Alves *2º Solista* *
Jorge Pereira *2º Solista* *

TROMBONES

Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
André Melo *2º Solista* *
Thierry Redondo *2º Solista* *

TUBA

Amilcar Gameiro *1º Solista*
Jorge Viana *2º Solista* *

EUFÓNIO

Ricardo Antão *1º Solista* *

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*
Sandro Andrade *1º Solista* *

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*
João Duarte *2º Solista* *
André Castro *2º Solista* *
Duarte Santos *2º Solista* *

CELESTA / SINTETIZADOR

Cândido Fernandes *1º Solista* *
Inês Mesquita *2º Solista* *

ÓRGÃO

António Esteireiro *1º Solista* *

HARPAS

Carolina Coimbra *1º Solista* *
Ana Castanhito *2º Solista* *

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Andrade
Inês Rosário
Leonor Azedo
Raquel Serra
Guilherme Baptista

25 Maio — 18:30

Esperamos por si!



Apresentação
Temporada 18 / 19

Entrada livre
Limitada aos lugares disponíveis

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
CORPORA

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

vay VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Memória de Lisboa. Per sempre.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



20 Maio

Jordi Savall

O Milénio de Granada



GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
CORP. PT

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
MUSIC

Subscreva 14 vezes de 100 euros

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
MUSIC

Associação de Amadores. Para obter cartões

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



22 Maio

Joyce DiDonato

Em Guerra e Paz



GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANSELMO
1916

Indústria da Música de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
1916

Indústria da Música de 100 anos

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



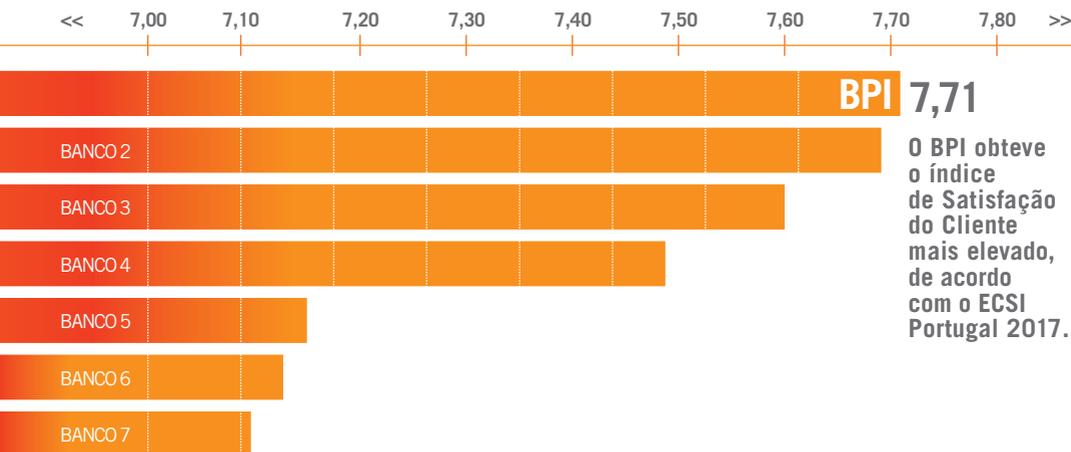
JOYCE DIDONATO © BROOKES SHADEN

Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
800

PREÇO
2€

Lisboa, Maio 2018

